

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000



Matthias Goerne

Barítono

Eric Schneider

Piano



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

MATTHIAS GOERNE

Barítono

ERIC SCHNEIDER

Piano

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
lei 010923/90

promoção



patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



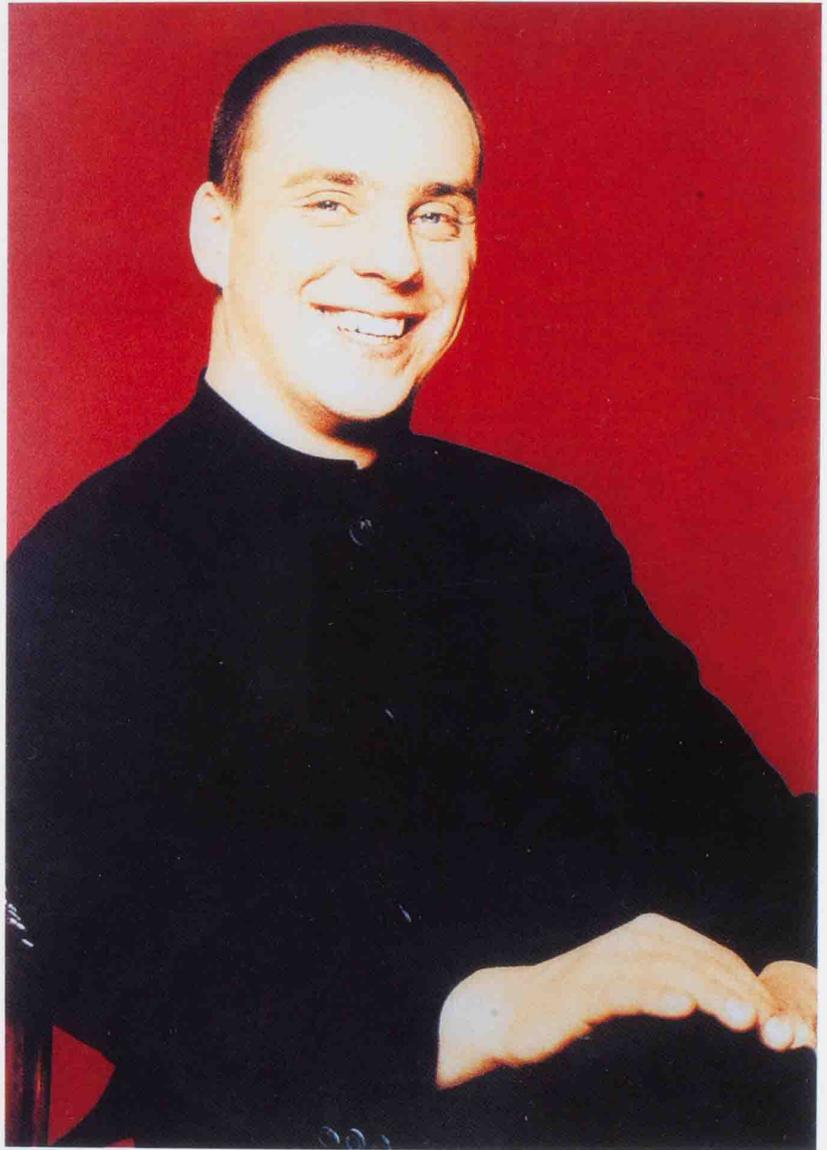
Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

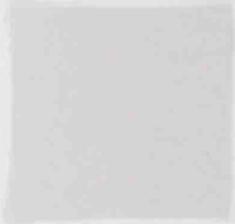
Telefônica



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM





Matthias Goerne *Barítono*

P

Para Matthias Goerne, o ofício de cantor não é apenas uma fonte de prazer; significa também, e acima de tudo, o compromisso de alcançar o mais alto nível artístico, o mesmo patamar que seus mestres – dentre eles o Professor H. J. Beyer, o barítono Dietrich Fischer-Dieskau e a soprano Elisabeth Schwarzkopf – souberam ocupar. A meteórica ascensão de Goerne à fama não foi obra do acaso: após alguns poucos encontros com o cantor, o pianista Alfred Brendel convidou-o para trabalharem juntos, no que foi seguido por Vladimir Ashkenazy, com quem gravou os ciclos *Dichterliebe* e *Liederkreis*, de Schumann. O barítono já colaborou também com Claudio Abbado e com Christoph von Dohnányi, sob cuja batuta estreou no Festival de Salzburgo de 1997, como *Papageno* de *A Flauta Mágica*.

Matthias Goerne sente-se à vontade em vários estilos, como vem demonstrando em suas apresentações ao lado de regentes como Vladimir Ashkenazy, Herbert Blomstedt, Riccardo Chailly, Nikolaus Harnoncourt, Mariss Jansons, Kurt Masur, Roger Norrington e Helmuth Rilling, dentre outros. Em poucos anos, tornou-se tão conhecido em Londres e em Nova Iorque, onde estreou no *Carnegie Hall*, em 1999, quanto em Hamburgo, Zurique, Berlim e Leipzig. Em seus recitais de *lieder*, tem sido acompanhado por pianistas do quilate de Andreas Haefliger, Graham Johnson e Eric Schneider.

Ainda no início de sua carreira, Matthias Goerne alcançou grande sucesso ao cantar todos os três ciclos de Schubert para o exigente público do *Wigmore Hall* de Londres, mesmo sucesso que coroou suas apresentações por toda a Europa e nas Américas do Norte e do Sul. Um de seus maiores êxitos foi a interpretação das canções de Wolf, em fevereiro de 1997, com Riccardo Chailly à frente da Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, recital que viriam a gravar posteriormente.

**Não perca
a próxima
atração!**

CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

(para assinar ligue (011) 535-5518)

A trajetória artística de Matthias Goerne tem sido uma sucessão de triunfos, como o que alcançou em Belfast e Berlim ao interpretar o *Winterreise* com o pianista Alfred Brendel, que deixara de acompanhar cantores desde sua parceria com Fischer-Dieskau. Esse recital da dupla foi repetido em 1998, nos Festivais de Edimburgo e de Schleswig-Holstein, e no ano seguinte em Nova Iorque, Toronto, Princeton, Genebra, Hamburgo, Schwetzingen, Feldkirch, Salzburgo, Lucerna e em Londres, no *Wigmore Hall*. Sobre suas apresentações nessa cidade, o jornal *The Daily Telegraph* escreveu: “Goerne firmou-se rapidamente como o melhor cantor de *lieder* alemães desde Dietrich Fischer-Dieskau, e a parceria com Alfred Brendel foi providencial... Com sua diversidade de registros emocionais, Goerne não perdeu uma só vez a suavidade de um legato capaz de expressar a mais tênue nuance de sentido das palavras”.

Embora encontre nos recitais de *lieder* e nos concertos a sua maior paixão — em junho deste ano o barítono arrebatou o público e a crítica de Paris e Londres cantando o ciclo mahleriano *Das Knaben Wunderhorn*, com Riccardo Chailly e a Orquestra do *Concertgebouw* —, Matthias Goerne vem-se apresentando com sucesso também nos palcos líricos. Dentre suas principais realizações nesse campo destacam-se: o papel título de *Der Prinz von Homburg*, de Hanz Werner Henze; as personagens de *Marcello*, em *La Bohème*, e *Wolfram*, em *Tannhäuser*; o papel de *Papageno*, que cantou na temporada 1998/1999 do *Metropolitan* de Nova Iorque e que voltou a interpretar no Festival de Salzburgo de 1999; e, no ano passado, uma aplaudidíssima estréia como *Wozzeck*, em Zurique, sob a direção de Christoph von Dohnányi.

Goerne tem levado para os estúdios de gravação o mesmo padrão de qualidade que imprime a suas apresentações públicas. Depois de participar dos registros da *Deutsche Sinfonie*, de Eisler, e de *Die Vögel*, de Braunfels — ambos com a *Entartete Musik* —, o barítono gravou seu primeiro CD solo para a *Decca*, um recital de canções de Schubert/Goethe, com o pianista Andreas Haefliger. Esse primeiro álbum solo obteve excelente acolhida da crítica e foi agraciado com os prêmios *Diapason d'Or*, na França, e *Echo Klassik 1997*, na Alemanha.

Sua gravação dos ciclos *Dichterliebe* e *Liederkreis opus 24*, de Schumann, com Vladimir Ashkenazy ao piano, lançada no início de 1998, motivou os seguintes comentários da crítica: “Com seu timbre escuro e aveludado, seu intenso legato, e respondendo com requinte às sombras flutuantes dos amargos versos de Heine, Goerne oferece uma leitura hipnótica do *Dichterliebe* e do *Liederkreis opus 24*” (*Gramophone*); “Uma das melhores interpretações gravadas de Schumann” (*The Guardian*); “Leituras infinitamente sutis” (*Hi Fi News*). Ainda em 1998, o cantor gravou o álbum *Hollywood Songbook*, com obras de Hans Eisler, cujo lançamento coincidiu com o centésimo aniversário de nascimento do compositor alemão. A afinidade de Matthias Goerne com a música de Eisler é notável, e sua gravação, que se tornou uma das mais completas amostras das *Hollywood Lieder* de Eisler, mereceu da revista *Gramophone* a indicação de *Editor's Choice* e o seguinte comentário: “uma realização magistral e profundamente comovente”.

Para o selo *Hyperion*, Matthias Goerne e Graham Johnson registraram os álbuns Canções de Schubert e *Winterreise*. Dentre as mais recentes gravações do barítono, lançadas pelo selo *Decca*, destacam-se: *Liederkreis opus 39* e *Kerner Lieder opus 35*, de Schumann, com o pianista Eric Schneider; *Orchestral Songs* de Wolf, com a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã regida por Riccardo Chailly; e Cantatas de Bach, com a Camerata Acadêmica de Salzburgo dirigida por Roger Norrington.



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.



Eric Schneider *Piano*

O

pianista alemão Eric Schneider, neto do autor Albrecht Schaeffer, que emigrou para os Estados Unidos em 1938, diplomou-se pianista solista em Colônia. Seu fascínio pelo *lied* levou-o a estudar essa arte com Hartmut Höll. Parceiro constante, por longos períodos de tempo, de diversos grandes cantores, aprimorou-se continuamente com a soprano Elisabeth Schwarzkopf e o barítono Dietrich Fischer-Dieskau.

Como pianista, Eric Schneider tem-se apresentado nas mais prestigiosas salas de concerto e em importantes eventos musicais da Europa e dos Estados Unidos, tais como o *Wigmore Hall* de Londres, o *Concertgebouw* de Amsterdã, a *Philharmonie* de Berlim, a *Gewandhaus* de Leipzig, a *Philharmonie* de Colônia, a *Konzerthaus* de Viena, o Festival Gidon Kremer de Lockenhaus e a Schubertiade de Feldkirch; nos Estados Unidos, foi ouvido pelo público de Los Angeles, Washington, Nova Iorque e Filadélfia, acompanhando Matthias Goerne (em Nova Iorque, o pianista apresentou-se também ao lado de Christine Schäfer).

A discografia de Eric Schneider inclui os seguintes títulos: *Lieder* de Goethe, de vários compositores, e Integral dos *Lieder* de Anton Webern, ambos com Christiane Oelze; *Die Schöne Magelone*, de Brahms, com Hans-Peter Blechwitz e a atriz Cornelia Froboess; Canções de Poulenc, com o baixo-barítono Werner van Mechelen; e *Hollywood Songbook*, de Eisler, e *Lieder* de Schumann, com Matthias Goerne.

Além de suas atividades como recitalista e pianista acompanhador, Eric Schneider leciona *Lied* na *Hochschule für Musik Hanns Eisler*, em Berlim, cidade onde atualmente se dedica também ao estudo de regência orquestral.

Série Branca

22 de agosto, terça-feira, 21h

Franz Schubert (1797 - 1828)

Die schöne Müllerin, D.795, opus 25, n^{os} 1-20

A Bela Moleira,
Lieder sobre textos de Wilhelm Müller

Das Wandern

Wohin?

Halt!

Danksagung an den Bach

Am Feierabend

Der Neugierige

Ungeduld

Morgengruß

Des Müllers Blumen

Tränenregen

Mein!

Pause

Mit dem grünen Lautenbande

Der Jäger

Eifersucht und Stolz

Die liebe Farbe

Die böse Farbe

Trockne Blumen

Der Müller und der Bach

Des Baches Wiegenlied

Série Azul

24 de agosto, quinta-feira, 21h

Ludwig van Beethoven (1770 - 1827)

An die ferne Geliebte, opus 98, n^{os} 1-6

À Amada Distante,
Lieder sobre textos de Alois Jeitelles

*pausa de 5 minutos,
por favor permaneçam em seus lugares*

Franz Schubert (1797 - 1828)

Taubenpost, D.965a

Pombo-correio,
Lied sobre texto de Johann Gabriel Seidl

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne,
Lieder sobre textos de Ludwig Rellstab

Liebesbotschaft

Kriegers Ahnung

Frühlingssehnsucht

Ständchen

Aufenthalt

Herbst - D.957

In der Ferne

Abschied

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne,
Lieder sobre textos de Heinrich Heine

Der Atlas

Ihr Bild

Das Fischermädchen

Die Stadt

Am Meer

Der Doppelgänger

Série Verde

28 de agosto, segunda-feira, 21h

Franz Schubert (1797 – 1828)

Winterreise, D.911

Viagem de Inverno,
Lieder sobre textos de Wilhelm Müller

Gute Nacht

Die Wetterfahne

Gefrorene Tränen

Erstarrung

Der Lindenbaum

Wasserflut

Auf dem Flusse

Rückblick

Irrlicht

Rast

Frühlingstraum

Einsamkeit

Die Post

Der greise Kopf

Die Krähe

Letzte Hoffnung

Im Dorfe

Der stürmische Morgen

Täuschung

Der Wegweiser

Das Wirtshaus

Mut

Die Nebensonnen

Der Leiermann

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

Dada a natureza do repertório escolhido por Matthias Goerne para suas apresentações em São Paulo, não haverá intervalo em nenhum dos recitais.

Em virtude do alto grau de concentração exigido por esse repertório, o cantor pede ao público que evite virar as páginas do encarte com as letras das canções antes do final de cada uma delas.

Matthias Goerne solicita também que se evite tossir ou fazer ruídos entre um Lied e outro.

Próximos Concertos

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

23 de outubro, segunda-feira

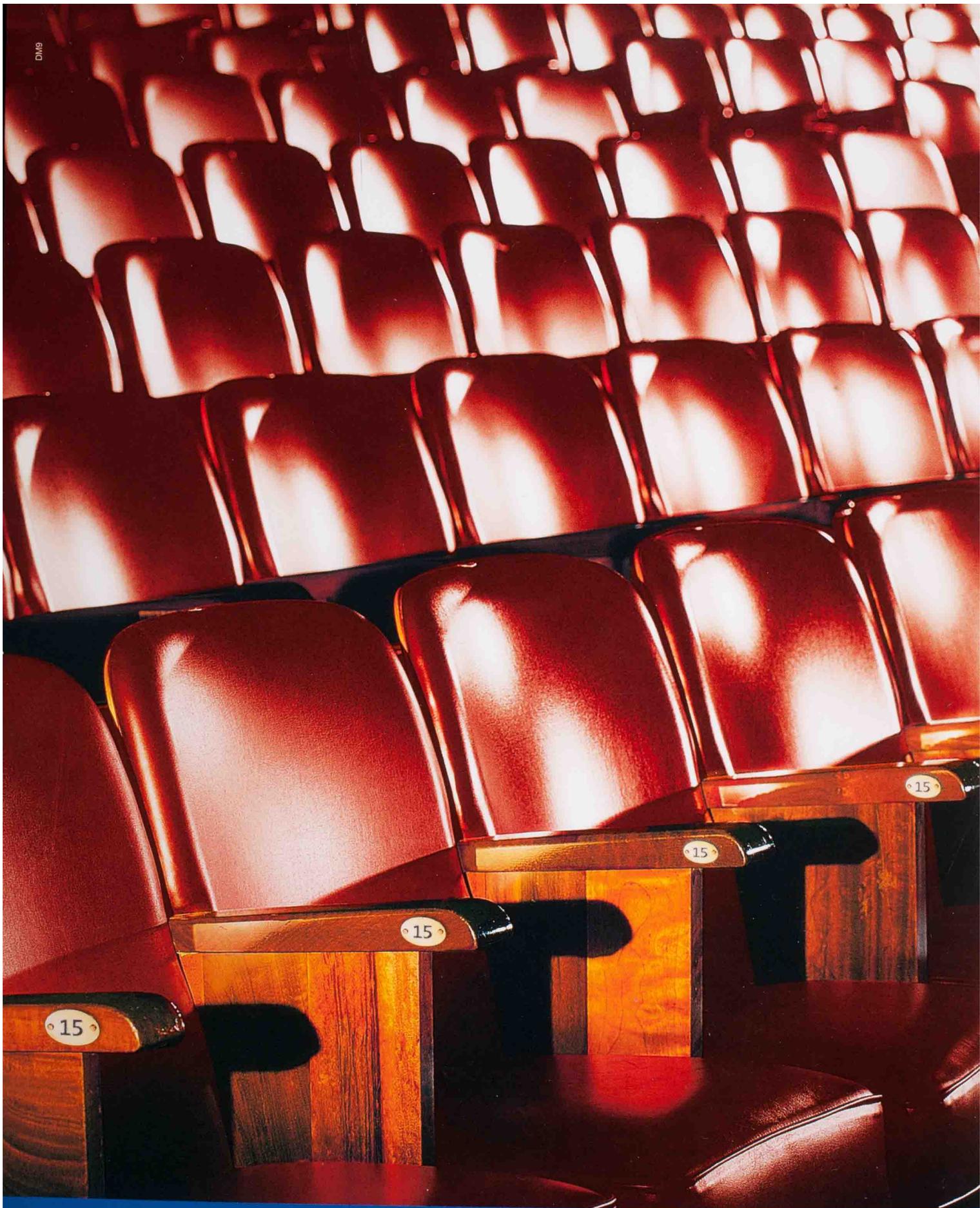
Bach: Missa em Si menor

24 de outubro, terça-feira

Bach: Missa em Si menor

25 de outubro, quarta-feira

Bach: Missa em Si menor



O 15 de São Paulo patrocina a temporada de concertos musicais do Cultura Artística.

Telefônica



A Canção, o Lied

Agregar música a textos da linguagem oral é prática que remonta aos primórdios da arte. Suas origens se perdem na poeira dos séculos. Todas as culturas possuem o seu acervo de canções, o qual pode ser integrado tanto pela canção popular (*Volkslied*, em alemão) quanto pela canção erudita ou artística (*Kunstlied*).

Determinado gênero de canção conhecido como *Lied* (literalmente canção, em alemão) é de surgimento relativamente recente. Peça em geral curta que associa texto poético e música, destinada a uma voz com acompanhamento de piano, o *Lied* nasceu na esfera da arte austro-germânica durante o século XVIII, atingindo o seu apogeu no século seguinte. Haydn, Mozart e Beethoven estiveram entre os primeiros grandes compositores a criar obras nesse âmbito. Schubert, nas primeiras décadas do século XIX, ao escrever mais de 600 *Lieder*, levou o gênero a altas paragens criativas, inaugurando com eles uma tradição que seria retomada por numerosos compositores românticos.

Com Schubert, o *Lied* se transformou em requintada forma de arte em que a voz solista e o acompanhamento desempenham papéis mutuamente interdependentes na comunicação do conteúdo emocional da poesia. Os *Lieder* de Schubert são em forma estrófica – onde a música é repetida a cada nova estrofe do poema – ou em melodia única, composta na continuidade (*durchkomponiert*, em alemão). Algumas vezes, o compositor reuniu certo número de *Lieder* em “ciclos”, coletâneas de canções ligadas por um mesmo tema literário explorado por seu autor em várias poesias.

SKILL EMPRESARIAL SAÚDE.

QUINARAS

A OMINT TRATANDO SEU FUNCIONÁRIO COMO VOCÊ GOSTA DE SER TRATADO.

Funções diferentes, responsabilidades diferentes, salários diferentes. Às vezes, a única coisa que dois funcionários têm em comum é a empresa em que trabalham. Mas se essa empresa trata todos os seus funcionários, do presidente ao estagiário, com respeito e consideração, isso tem o poder de unir pessoas totalmente diferentes em um time único, com um espírito de equipe difícil de ser superado. Quando criou a Skill Empresarial Saúde, a Omint se preocupou em garantir o acesso a tratamentos médicos e hospitalares de alto nível a todos os profissionais de sua empresa, sem distinção. Um comportamento natural não apenas da ética médica, mas de qualquer atividade na qual o relacionamento humano seja levado em consideração.



- Atendimento e administração Omint.
- Serviços de Case Management e Home Care.
- Programas de prevenção à saúde dos funcionários.
- Rede referenciada com médicos, hospitais e laboratórios de qualidade, desenhada para atender às necessidades de seus funcionários.
- Central de Atendimento ao Associado, orientando a utilização dos recursos, encaminhando emergências e identificando casos especiais.
- Reembolso direto em conta corrente, sem a necessidade de envolvimento do RH.


SKILL
empresarial saúde

Informações:
0800-174433
www.omint.com.br



À Amada Distante de Beethoven

Sobre a importância de Beethoven para o gênero *Lied*, considerou o estudioso Barry Cooper: “Embora freqüentemente creditada a Schubert a criação do *Lied* alemão romântico, a honra na verdade pertence a Beethoven, que nesse campo, como em tantos, forjou um estilo que exerceria profunda influência sobre seus sucessores românticos. No que diz respeito à precedência, quase todas as canções de Beethoven foram compostas antes de qualquer das de Schubert e, no que diz respeito aos tipos de canção, Beethoven utilizou todos os tipos principais empregados por seus sucessores, de simples composições estróficas a minuciosas obras com música diferente para cada estrofe”.

Beethoven deixou-nos cerca de noventa canções — a primeira delas escrita aos 14 anos. As seis canções que integram *An die ferne Geliebte, opus 98* (À Amada Distante), fazem desse grupo um verdadeiro ciclo de *Lieder*, talvez o primeiro da História. De fato, foi a primeira vez que um compositor importante organizou um grupo de diversas canções em solo com acompanhamento de piano em um todo coerente e unificado.

Vários aspectos contribuem para a unidade musical desse ciclo: a canção final é na mesma tonalidade da primeira (Mi bemol maior), o tema da primeira retorna no fim para enfatizar o efeito cíclico e há até ligações entre uma canção e a seguinte (em geral, na forma de interlúdios de piano), em vez de interrupções nítidas. Conclui Barry Cooper: “As canções isoladas, contudo, têm melodias quase ingênuas, evocando o folclore, de modo que a obra como um todo é uma mescla perfeita de aparente simplicidade e grande sutileza musical”.

An die ferne Geliebte, sobre poemas de Alois Jeitelles, data de 1816, época na qual Beethoven já se encontrava mergulhado na completa surdez e distante da bem-amada. Em seu conjunto, as seis canções do ciclo falam da tristeza da separação e do amor impossível que só o canto pode consolar. Fazem referências, também, ao desejo do poeta de fundir-se à natureza, à sua vontade de ver o rosto da amada surgir das águas e às suas lamúrias.

Na última canção, o amante se endereça diretamente à amada, confiando a ela a totalidade do seu cantar e da sua melancolia. Ao mesmo tempo, consegue fazer com que o desejo ferido se transforme em pura espiritualidade.

Schubert e a Canção

Durante os 31 anos de sua curta existência, Schubert escreveu cerca de 600 *Lieder*, soma impressionante, sobretudo quando consideramos que ele se iniciou no gênero aos 15 anos. O artista musicou textos de ao redor de 100 poetas. Os mais visitados por ele foram: Goethe (71 *Lieder*), Mayrhofer (46), Müller (45) e Schiller (42). Apenas um terço desse enorme montante foi publicado em vida do autor. Assim, a maioria de suas canções seria conhecida apenas pela posteridade.

Quando tinha 20 anos, Schubert escreveu um texto que intitulou de “Meu sonho”. Essa narração, repleta de elementos autobiográficos, lança luz sobre a personalidade e a poética do artista. Aí ele fala da intensidade do amor que tem para dar e que deseja receber, da irreprimível tristeza, da carência afetiva, da sua rejeição da ordem estabelecida, da solidão e do nomadismo traduzidos pela canção. Aí também ele se refere à identificação que faz do amor com a dor no claro-escuro da alma, à doçura do repouso encontrado na morte, à ordem sobrenatural da música e ao seu desejo de se fundir e de se reconciliar com as pessoas amadas, através de uma infinita ternura. Assim, além de fornecer-nos uma visão profunda de sua paisagem psíquica, ele nos remete aos grandes temas poéticos de seus principais *Lieder*.

Schubert foi o grande responsável pela radical transformação imposta ao *Lied*, elevando grandemente a estatura do gênero. Antes dele, via de regra esse gênero era cultivado por compositores menores ou amadores, que se prendiam ao formato estrófico e à simplória inspiração folclórica. Em geral, os grandes músicos só abordaram a ingênua canção como um divertimento ocasional. Pois Schubert, partindo do arquétipo existente, transfigurou-o a tal ponto que conseguiu imprimir a



cada um de seus *Lieder* uma personalidade única – daí a sua originalidade. Também contribuíram para o ineditismo da sua abordagem a invenção de melodias memoráveis e a descoberta dos meios de enfatizar o significado do texto poético, através de mudanças no estilo declamatório, na textura sonora, nas figuras rítmico-melódicas e na harmonia.

Nas canções de Schubert, a música responde com infinita inventividade a cada imagem ou sentimento contidos no poema. É admirável a imaginação com a qual o compositor foi capaz de conceber e de controlar o fluir musical, a fim de que este pudesse estimular uma analogia com um ato físico ou psicológico. É igualmente de espantar em suas canções a largueza dos parâmetros formais, que nunca antes haviam sido postos de maneira tão concentrada no até então modesto gênero da canção.

Os ciclos de *Lieder* são considerados, na atualidade, os cumes da produção de Schubert nesse domínio. Esses ciclos são conjuntos de canções compostas como um todo orgânico. Os *Lieder* aí podem ser ligados ora por um fio narrativo, ora pelo clima emotivo ou, ainda, por seu plano tonal, por reminiscências ou motivos condutores.

A Bela Moleira

Iniciado para Schubert pela terrível revelação da doença sem cura que o acometia, a sífilis, o ano de 1823 vai também marcar o início do seu período criativo maior. Data também desse ano a sua descoberta daquele que seria o principal poeta dos seus anos derradeiros, Wilhelm Müller (1794 – 1827). Sobre poemas desse escritor, Schubert escreveu 44 *Lieder* distribuídos em dois ciclos, além de “O Pastor no Rochedo”. Nesses textos, o compositor encontrou ecos para os seus próprios sentimentos, que foram musicados na primeira pessoa. Assim, ele pôde aprofundar um dado dramático essencial: Os amores decepcionantes, porque insuspeitos, levam o homem a uma solidão existencial que encontra sua imagem cósmica na natureza.

Em “A Bela Moleira”, tal imagem se desenha na água – água como cenário, reflexo, figura do desejo que carrega para adiante mas que, tam-

bém, aponta para a inexorável passagem do tempo. Nesse contexto, a água é igualmente a água maternal do amor e da morte, na qual o poeta quer se perder. Isso porque, diante da impossibilidade de enfrentar a vida sem o anelo, apenas a fusão com o universo-água pode resolver. Rejeitado pela moça, ao jovem aprendiz só resta lançar-se na água, para ali encontrar a paz e o reconforto.

Viagem de Inverno

Os amigos mais próximos viveram com angústia a fase profundamente depressiva pela qual Schubert passava no início de 1827, afetando até mesmo a sua legendária facilidade composicional. Mas, em fevereiro, o artista se lança sobre os 12 poemas de Wilhelm Müller, que uma revista acabara de publicar sob o título de *Winterreise*. Trabalhando na surdina, no limite de suas forças, ele disse certo dia a seus amigos: “Vou cantar para vocês um ciclo de canções sinistras (...). Elas me tocam muito mais que as outras”.

Logo depois, entretanto, morre Beethoven, em março, algo que perturba profundamente o nosso músico. E será preciso esperar pelo outono para vê-lo capaz de voltar ao trabalho. É nesse momento que Schubert descobre uma antologia de Müller, onde a “Viagem de Inverno” se encontra ampliada, com 12 novos poemas. Estes provocam no compositor o surgimento de um segundo caderno de *Lieder*, datado de outubro de 1827.

Os dois cadernos de 12 canções cada um que integram “Viagem de Inverno” formam conjuntos coerentes mas diversos. E se o segundo constitui indiscutivelmente uma seqüência do primeiro, este, por sua vez, poderia ser visto como uma seqüência de “A Bela Moleira”, escrita sobre versos do mesmo poeta. *Die schöne Müllerin* iniciava-se sob o signo do “Caminhar”, encerrando-se com um tocante “Boa noite”. *Winterreise*, por sua volta, é aberto por um “Boa noite” que remete a uma viagem sem retorno, fechando-se sobre uma pergunta feita ao tocador de realejo, símbolo da morte: “Velho estranho, devo ir contigo?”

Neste último ciclo, há quem veja o aprendiz de moleiro, o próprio Schubert, em um novo e

tétrico percurso – para dentro do inverno e da noite, já com a morte na alma. Assim é que se sucedem, de maneira profundamente pessimista, as “Lágrimas geladas”, as imagens do “Degelo”, um saudosista “Sonho de primavera”, o qual acaba por desembocar na mais completa “Solidão”. E se sobre a “Cabeça embranquecida” ainda paira uma “Última esperança”, ela logo se vê desfeita pela violência do inverno, retratada na “Manhã de tempestade”. Por fim, sob a capa de um tocador de realejo, o poeta-cantor se defronta com a própria morte, a quem oferece suas canções.

Canto de Cisne

Durante agosto e setembro de 1828, pouco antes de morrer, Schubert escreve febrilmente canções, ao lado de farta música instrumental. E são essas 14 derradeiras canções que o seu irmão oferece ao editor Haslinger, que as publica sob o título de *Schwanengesang*. Se é verdade que esses *Lieder* efetivamente são o canto de cisne de Schubert, também é verdadeiro o fato de que eles, juntos, não perfazem um ciclo coerente como os dois anteriores.

Os sete primeiros *Lieder* dessa antologia foram escritos sobre textos de Rellstab. Neles voltamos a encontrar alguns dos grandes temas poéticos caros ao músico: a viagem, o distanciamento, a perda do objeto amado, a nostalgia – tudo tratado em pauta não trágica, por vezes risonha, até.

Os seis *Lieder* seguintes empregam poemas do grande Heine, contemporâneo exato do compositor. Se eles não totalizam uma unidade de um autêntico ciclo, esses textos entretanto são fortemente unidos pelo caráter, pelas idéias e pelo estilo. Aí, pela última vez, afloram alguns dos temas poéticos prediletos de Schubert, vistos sob o prisma irônico do poeta: ausência, amores perdidos, ilusão do mundo e pessimismo existencial.

As canções ecoam os lamentos do gigante Atlas, condenado a levar nos ombros toda a dor do mundo, uma contemplação mística do “seu rosto” bem-amado, um convite para que a jovem venha fazer companhia ao solitário, a visão da cidade ao amanhecer, onde o poeta perdeu o seu amor, uma

cena à beira-mar, na qual o herói se sente envenenado pelas lágrimas da amada, e, por fim, a visão do duplo do poeta, que o contempla com estranhamento e inquietude, já próximo da alucinação.

Para completar a coletânea, o editor do “Canto de Cisne” escolheu uma canção feita sobre um poema de Seidl, “O Pombo-correio”. Datado de outubro de 1828, ele seria o último *Lied* para voz e piano de Schubert (sua última partitura composta foi a ária de concerto “O Pastor no Rochedo”).

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretoria

José E. Mindlin	Presidente
Fernando Carramaschi	Vice-Presidente
Antonio Hermann D. M. de Azevedo	Diretor Tesoureiro
José Luís de Freitas Valle	Diretor Secretário
J. Jota de Moraes	Diretor Artístico
Carlos Rauscher	Diretor
Gérard Loeb	Diretor
Jayme Sverner	Diretor
João Lara Mesquita	Diretor
José Francisco Freire Britto	Diretor
Gérald Perret	Superintendente

Conselho de Administração

José E. Mindlin	Presidente
João Lara Mesquita	Vice-Presidente

Membros

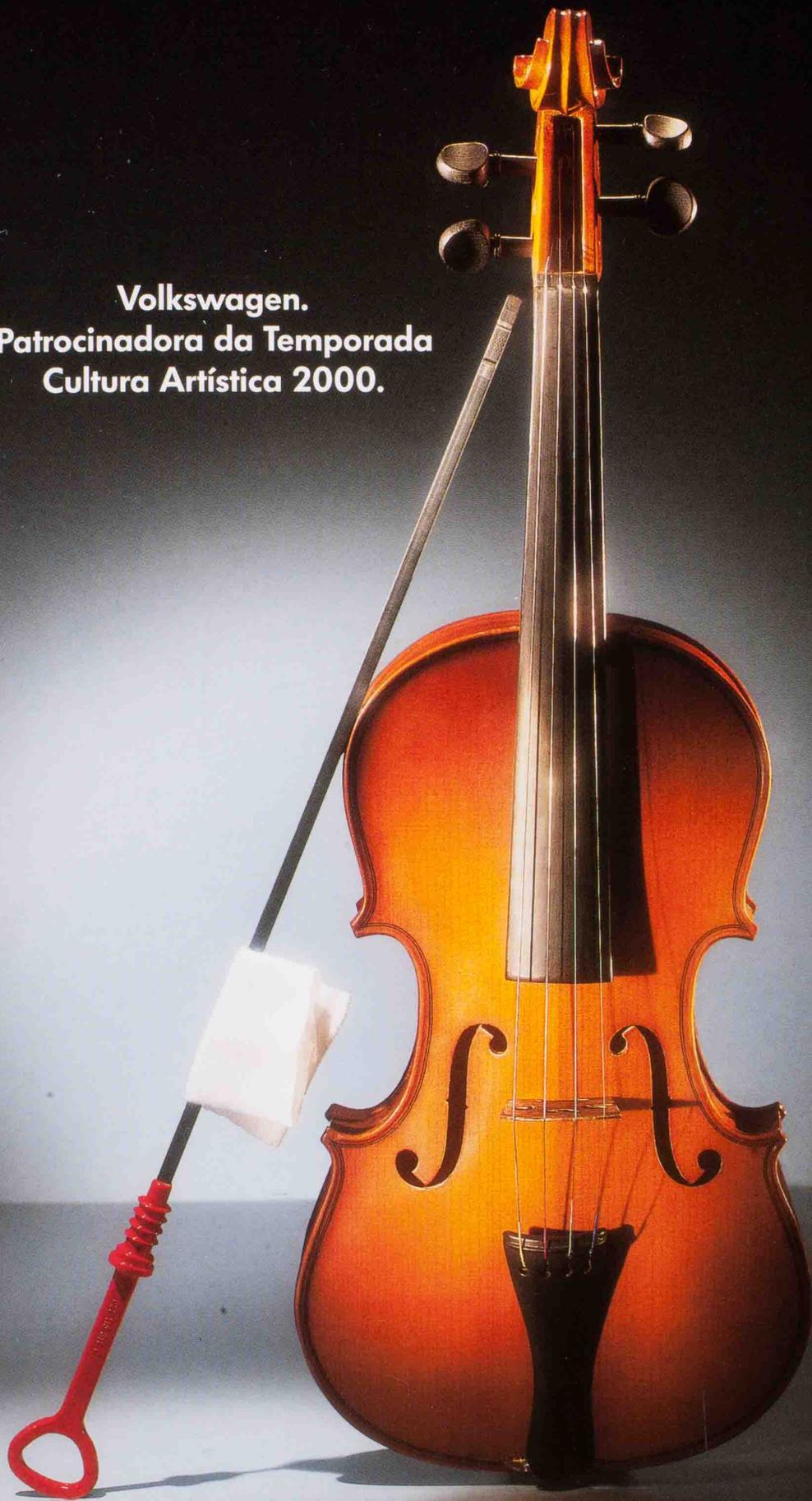
Maria de Lourdes Egydio Villela
Sylvia Kowarick
Alberto Soares de Almeida
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Sonder
Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita
Hermann H. Wever
José Ermírio de Moraes Filho
Max Feffer
Thomas Michael Lanz

Reconhecida de Utilidade Pública por Decretos Federal, Estadual e Municipal.

Créditos Editoriais

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Textos Sociedade de Cultura Artística
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto Almeida
Edição Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Traduções Eduardo Brandão
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica

**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 2000.**



Volkswagen



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

abril 4, 5 e 6

Orquestra da Rádio de Moscou
Coro de Câmara de Moscou
Saulius Sondeckis *Regente*

maio 22, 23 e 24

The English Concert
Trevor Pinnock *Regente*

junho 12, 13 e 15

Stanislav Bunin *Piano*

julho 6, 7 e 10

Quarteto Alban Berg *Cordas*

agosto 14, 15 e 16

Europa Galante
Fabio Biondi *Regente e Violino Solista*

agosto 22, 24 e 28

Matthias Goerne *Barítono*
Eric Schneider *Piano*

setembro 19 e 20

Orquestra Sinfônica de Praga
Jirí Belohlávek *Regente*
Dezsö Ranki *Piano*

outubro 6 e 7

Orquestra Sinfônica de Chicago
Daniel Barenboim *Regente*

outubro 23, 24 e 25

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

novembro 13, 14 e 15

Orquestra Filarmônica Estatal da Renânia
Theodor Guschlbauer *Regente*
Antônio Meneses *Violoncelo*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 telefone (5511) 258 3616
www.culturaartistica.com.br
e mail: cultart@dialdata.com.br

apoio
institucional

Prefeitura
do Município
de São Paulo
Lei 010923/90

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

Matthias Goerne
Barítono

Eric Schneider
Piano

Série Verde

28 de agosto, segunda-feira, 21h

Franz Schubert (1797 - 1828)

Winterreise, D.911

Viagem de Inverno, Lieder sobre textos de Wilhelm Müller



apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
lei 010923/90

promoção



patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

Telefônica



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM

1. Gute Nacht

Fremd bin ich eingezogen,
Fremd zieh' ich wieder aus.
Der Mai war mir gewogen
Mit manchem Blumenstrauß.
Das Mädchen sprach von Liebe

1. Boa noite

*Como estranho aqui cheguei,
Como estranho daqui me vou.
O mês de maio me presenteou
Com uns buquês de flores.
A moçina falava de*

2. Die Wetterfahne

Der Wind spielt mit der Wetterfahne
Auf meines schönen Liebchens Haus.
Da dacht ich schon in meinem Wahne,
Sie piff den armen Flüchtling aus.

Er hätt' es eher bemerken sollen,
Des Hauses aufgestecktes Schild,
So hätt' er nimmer suchen wollen
Im Haus ein treues Frauenbild.

Der Wind spielt drinnen mit dem Herzen
Wie auf dem Dach, nur nicht so laut.
Was fragen sie nach meinen Schmerzen?
Ihr Kind ist eine reiche Braut.

3. Gefrorene Tränen

Gefrorne Tränen fallen
Von meinen Wangen ab:
Ob es mir denn entgangen,
Dass ich geweinet hab'?

Ei Tränen, meine Tränen,
Und seid ihr gar so lau,
Dass ihr erstarret zu Eise
Wie kühler Morgentau?

Und dringt doch aus der Quelle
Der Brust so glühend heiß,
Als wolltet ihr zerschmelzen
Des ganzen Winters Eis!

2. O catavento

*O vento brinca com o cata-vento
Sobre a casa de minha amada.
Eu pensava em minha alucinação,
Que ela vaiava o pobre fujão.*

*Ele deveria ter notado antes,
A tabuleta pregada na casa,
Assim, ele nunca iria procurar
Naquela casa uma mulher fiel.*

*Lá dentro o vento brinca com o coração,
Como no telhado, só que mais quieto.
Por que perguntam de minhas dores?
A menina é uma noiva rica.*

3. Lágrimas congeladas

*Lágrimas congeladas descem
Pelas minhas faces;
Como é que eu não percebi
Que havia chorado?*

*Ai, lágrimas, minhas lágrimas,
Vós que sedes tão tépidas,
Como chegastes a congelar
Como o frio orvalho da manhã?*

*E tendes como fonte
Um peito tão ardente,
Que até poderíeis derreter
Todo o gelo do inverno!*

4. Erstarrung

Ich such' im Schnee vergebens
Nach ihrer Tritte Spur,
Wo sie an meinem Arme
Durchstrich die grüne Flur.

Ich will den Boden küssen,
Durchdringen Eis und Schnee
Mit meinen heißen Tränen,
Bis ich die Erde seh'.

Wo find' ich eine Blüte,
Wo find' ich grünes Gras?
Die Blumen sind erstorben,
Der Rasen sieht so blass.

Soll denn kein Angedenken
Ich nehmen mit von hier?
Wenn meine Schmerzen schweigen,
Wer sagt mir dann von ihr?

Mein Herz ist wie erstorben,
Kalt starrt ihr Bild darin;
Schmilzt je das Herz mir wieder,
Fließt auch ihr Bild dahin!

4. Congelamento

*Em vão busco na neve
A marca de seus passos,
Onde ela, ao meu braço,
Percorria os verdes prados.*

*Quero beijar o chão,
Penetrar gelo e neve
Com minhas lágrimas ardentes,
Até que possa ver a terra.*

*Onde encontro um botão de flor?
Onde encontro grama verde?
As flores morreram,
E a grama está queimada.*

*Então nenhuma lembrança
Posso levar comigo daqui?
Quando minhas dores silenciarem,
Quem, então, me falará dela?*

*Meu coração como que morreu,
Lá dentro, a imagem dela congelou;
Degelando um dia meu coração,
Também sua imagem derreterá!*

5. Der Lindenbaum

Am Brunnen vor dem Tore
Da steht ein Lindenbaum;
Ich träumt' in seinem Schatten
So manchen süßen Traum.

Ich schnitt in seine Rinde
So manches liebe Wort;
Es zog in Freud' und Leide
Zu ihm mich immer fort.

Ich musst' auch heute wandern
Vorbei in tiefer Nacht,
Da hab' ich noch im Dunkeln
Die Augen zugemacht.

Und seine Zweige rauschten,
Als riefen sie mir zu:
Komm her zu mir, Geselle,
Hier find'st du deine Ruh'!

Die kalten Winde bliesen
Mir grad ins Angesicht;
Der Hut flog mir vom Kopfe,
Ich wendete mich nicht.

Nun bin ich manche Stunde
Entfernt von jenem Ort,
Und immer hör' ich's rauschen:
Du fändest Ruhe dort!

5. A tília

*Na fonte em frente ao portão,
Lá está uma tília;
Sob sua sombra tenho sonbado
Alguns belos sonbos.*

*Em sua casca gravei
Muitas palavras de amor;
Na alegria e na dor
Sou, para ela, sempre atraído.*

*Também hoje eu passei
Por ela no meio da noite,
Ali, mesmo na escuridão,
Fechei os meus olhos.*

*E os galhos rumorejavam,
Como se me dissessem:
"Vem para cá, amigo,
Aqui acharás tua paz!"*

*O vento frio soprava
Direto em minha face;
O chapéu voou-me da cabeça,
Mas não me voltei.*

*Estou algumas horas
Distante daquele lugar,
E sempre escuto o murmúrio:
"Lá, encontrarias paz!"*

6. Wasserflut

Manche Trän' aus meinen Augen
Ist gefallen in den Schnee;
Seine kalten Flocken saugen
Durstig ein das heiße Weh.

Wenn die Gräser sprossen wollen
Weht daher ein lauer Wind,
Und das Eis zerspringt in Schollen
Und der weiche Schnee zerrinnt.

Schnee, du weißt von meinem Sehnen,
Sag', wohin doch geht dein Lauf?
Folge nach nur meinen Tränen,
Nimmt dich bald das Bächlein auf.

Wirst mit ihm die Stadt durchziehen,
Munt're Straßen ein und aus;
Fühlst du meine Tränen glühen,
Da ist meiner Liebsten Haus.

6. Torrente d'água

*Muitas lágrimas de meus olhos
Caíram sobre a neve;
Seus flocos frios sugam,
Sedentos, o sofrimento ardente.*

*Quando a grama quer brotar
E sobre ela passa o vento morno,
O gelo se despedaça
E a neve macia se derrete.*

*Neve, tu que conheces a minha saudade,
Diz-me, para onde vai tua corrente?
Apenas segue as minhas lágrimas,
E logo o riacho te receberá.*

*Com ele cruzarás a cidade,
Ruas movimentadas, para lá e para cá;
Sentindo minhas lágrimas arderem,
Ali é a casa de minha amada.*

7. Auf dem Flusse

Der du so lustig rauschtest,
Du heller, wilder Fluss,
Wie still bist du geworden,
Gibst keinen Scheidegruß.

Mit harter, starrer Rinde
Hast du dich überdeckt,
Liegst kalt und unbeweglich
Im Sande ausgestreckt.

In deine Decke grab' ich
Mit einem spitzen Stein
Den Namen meiner Liebsten
Und Stund' und Tag hinein:

Den Tag des ersten Grußes,
Den Tag, an dem ich ging;
Um Nam' und Zahlen windet
Sich ein zerbroch'ner Ring.

Mein Herz, in diesem Bache
Erkennst du nun dein Bild?
Ob's unter seiner Rinde
Wohl auch so reißend schwillt?

7. Pelo riacho

*Tu que tão alegre murmuras,
Riacho claro e selvagem,
Como ficaste tão triste,
Nem me dás um adeus.*

*Com uma camada dura e rígida
Tu estás todo coberto,
Permaneces aí, frio e imóvel,
Estirado sobre o solo.*

*Em tua superfície eu gravo
Com uma pedra pontuda
O nome da minha amada
Com hora e dia também:*

*O dia do primeiro cumprimento,
O dia em que me fui;
Rodeando nome e números
Um anel partido.*

*Coração meu, nesse riacho
Reconheces a tua imagem?
Será que, sob seu manto,
A torrente é também tão violenta?*

8. Rückblick

Es brennt mir unter beiden Sohlen,
Tret' ich auch schon auf Eis und Schnee,
Ich möcht' nicht wieder Atem holen,
Bis ich nicht mehr die Türme seh'.

Hab' mich an jedem Stein gestoßen,
So eilt' ich zu der Stadt hinaus;
Die Krähen warfen Bäll' und Schloßen
Auf meinen Hut von jedem Haus.

Wie anders hast du mich empfangen
Du Stadt der Unbeständigkeit!
An deinen blanken Fenstern sangen
Die Lerch' und Nachtigall im Streit.

Die runden Lindenbäume blühten,
Die klaren Rinnen rauschten hell,
Und ach, zwei Mädchenaugen glühten. —
Da war's gescheh'n um dich, Gesell!

Kommt mir der Tag in die Gedanken,
Möcht' ich noch einmal rückwärts seh'n,
Möcht' ich zurücke wieder wanken,
Vor ihrem Hause stille steh'n.

9. Irrlicht

In die tiefsten Felsengründe
Lockte mich ein Irrlicht hin:
Wie ich einen Ausgang finde,
Liegt nicht schwer mir in dem Sinn.

Bin gewohnt das Irregehen,
's führt ja jeder Weg zum Ziel:
Uns're Freuden, uns're Wehen,
Alles eines Irrlichts Spiel!

Durch des Bergstroms trock'ne Rinnen
Wind' ich ruhig mich hinab,
Jeder Strom wird's Meer gewinnen,
Jedes Leiden auch sein Grab.

8. Retrospecto

*Ardem-me as solas dos pés,
Mesmo andando em gelo e neve,
Gostaria de não mais respirar,
Até não mais ver as torres da cidade.*

*Tropecei em todas as pedras,
Tão rápido queria deixar a cidade;
As gralhas jogavam neve e granizo,
Das casas em meu chapéu.*

*Tu havias me recebido tão diferente,
Cidade de inconstância!
Em tuas janelas claras cantavam
As cotovias e os rouxinóis discutindo.*

*As lílias estavam em flor,
Os córregos claros rumorejavam,
E dois olhos de menina cintilavam ardentes:
Tu te perdeste então, companheiro.*

*Volta-me aquele dia ao pensamento,
Quero olhar para trás mais uma vez,
Queria voltar cambaleando,
E ficar parado em frente à casa dela.*

9. Fogo-fátuo

*Para os rochedos mais profundos
Um fogo-fátuo me atraiu:
Como achar uma saída,
Não é difícil para mim.*

*Estou acostumado a andar errante,
Todos os caminhos levam ao destino:
Nossas alegrias, nossos sofrimentos,
É tudo brinquedo de um fogo-fátuo!*

*Pelo leito seco do rio na montanha,
Vou descendo tranqüilo,
Todo rio chegará ao mar,
E todo sofrimento à sua tumba.*

10. Rast

Nun merk' ich erst, wie müd' ich bin,
Da ich zur Ruh' mich lege;
Das Wandern hielt mich munter hin
Auf unwirtbarem Wege.

Die FüÙe fragen nicht nach Rast,
es war zu kalt zum Stehen;
Der Rücken fühlte keine Last,
Der Sturm half fort mich wehen.

In eines Köhlers engem Haus
Hab' Obdach ich gefunden;
Doch meine Glieder ruh'n nicht aus:
So brennen ihre Wunden.

Auch du, mein Herz, in Kampf und Sturm
so wild und so verwegen,
Fühlst in der Still' erst deinen Wurm
Mit heißem Stich sich regen.

10. Descanso

*Só agora sinto como estou cansado,
Quando me preparo para repousar;
Caminhar me manteve desperto
Pelo caminho tão difícil.*

*Os pés não pediam por descanso,
Era muito frio para parar;
Nenhum peso sentiam as costas,
O temporal ajudava a continuar.*

*Na pequena casa de um carvoeiro,
Encontrei o meu abrigo;
Mas meus membros não descansam:
Tanto ardem seus ferimentos.*

*Também tu, meu coração, na luta e na tormenta
Tão bravo, tão valente,
Sentes, no silêncio, a tua dor
Com pontada ardente se mover.*

11. Frühlingstraum

Ich träumte von bunten Blumen,
so wie sie wohl blühen im Mai;
Ich träumte von grünen Wiesen,
Von lustigem Vogelgeschrei.

Und als die Hähne krächten,
da ward mein Auge wach;
da ward es kalt und finster,
es schrien die Raben vom Dach.

Doch an den Fensterscheiben,
Wer malte die Blätter da?
Ihr lacht wohl über den Träumer,
Der Blumen im Winter sah?

Ich träumte von Lieb' um Liebe,
Von einer schönen Maid,
Von Herzen und von Küssen,
Von Wonne und Seligkeit.

Und als die Hähne krächten,
da ward mein Herze wach;
Nun sitz ich hier alleine
Und denke dem Träume nach.

Die Augen schließ' ich wieder,
Noch schlägt das Herz so warm.
Wann grünt ihr Blätter am Fenster?
Wann halt' ich mein Liebchen im Arm?

12. Einsamkeit

Wie eine trübe Wolke
Durch heit're Lüfte geht,
Wenn in der Tanne Wipfel
Ein mattes Lüftchen weht:

So zieh ich meine Straße
Dahin mit tragem Fluss,
Durch helles, frohes Leben
Einsam und ohne Gruß.

Ach, dass die Luft so ruhig!
Ach, dass die Welt so licht!
Als noch die Stürme tobten,
War ich so elend nicht.

11. Sonho de primavera

*Sonbei com flores coloridas,
Como elas florescem em maio;
Sonbei com verdes prados,
E o alegre canto dos pássaros.*

*Mas quando os galos cantaram,
Meus olbos despertaram;
Fazia frio e estava escuro,
Os corvos gritavam lá do telhado.*

*Nos vidros das janelas,
Quem desenhou aquelas folbas?
Será que estais rindo do sonhador,
Que viu flores no inverno?*

*Sonbei com o amor da amada,
De uma linda menina,
Com corações e com beijos,
De alegrias e venturas.*

*Mas quando os galos cantaram,
Meu coração despertou;
Agora, aqui estou sentado só
Relembrando o meu sonho.*

*Fecho os olbos novamente,
O coração ainda bate ardente.
Folbas na janela, quando ficareis verdes?
Quando poderei abraçar minha amada?*

12. Solidão

*Como uma triste nuvem
Passa o ar sereno,
Quando na copa do pinheiro
Sopra uma leve brisa:*

*Assim tomo o meu caminho
Com passos lentos,
Em meio à vida luminosa e alegre,
Só e sem saudação.*

*Ah, como continua tranqüilo o ar!
Ah, como continua luminoso o mundo!
Nem quando as tempestades rugiam,
Tão mal eu me sentia.*

13. Die Post

Von der Straße her ein Posthorn klingt.
 Was hat es, dass es so hoch aufspringt,
 Mein Herz?
 Die Post bringt keinen Brief für dich.
 Was drängst du denn so wunderbarlich,
 Mein Herz?

Nun ja, die Post kommt aus der Stadt,
 Wo ich ein liebes Liebchen hatt',
 Mein Herz!

Willst wohl einmal hinüberseh'n
 Und fragen, wie es dort mag geh'n,
 Mein Herz?

14. Der greise Kopf

Der Reif hatt' einen weißen Schein
 Mir übers Haar gestreuet;
 da glaubt' ich schon ein Greis zu sein
 Und hab' mich sehr gefreuet.

Doch bald ist er hinweggetaut,
 Hab' wieder schwarze Haare,
 Dass mir's vor meiner Jugend graut –
 Wie weit noch bis zur Bahre!

Vom Abendrot zum Morgenlicht
 Ward mancher Kopf zum Greise.
 Wer glaubt's? Und meiner ward es nicht
 Auf dieser ganzen Reise!

13. O correio

*Na rua soa a trompa do carteiro.
 O que há, para que te agites tanto,
 Meu coração?
 O correio não traz cartas para ti.
 Por que fazes tão estranha pressão,
 Meu coração?*

*Sim, o carteiro vem da cidade,
 Onde eu tinha uma amada querida,
 Meu coração!*

*Queres dar uma olhadela,
 E perguntar como as coisas estão por lá,
 Meu coração?*

14. Cabeça grisalva

*A geada espalhou um véu branco
 Sobre minha cabeça;
 Pensava que já era um ancião
 E fiquei muito feliz.*

*Mas logo ele se derreteu,
 Tenho de novo cabelos negros,
 Como minha juventude me apavora:
 Quão longe até o leito de morte!*

*Do crepúsculo até a aurora
 Muitas cabeças ficaram grisalvas,
 Quem diria? À minha isso não aconteceu
 Durante toda esta viagem!*

15. Die Krähe

Eine Krähe war mit mir
Aus der Stadt gezogen,
ist bis heute für und für
um mein Haupt geflogen.

Krähe, wunderliches Tier,
Willst mich nicht verlassen?
Meinst wohl, bald als Beute hier
Meinen Leib zu fassen?

Nun, es wird nicht weit mehr geh'n
an dem Wanderstabe.
Krähe, lass mich endlich seh'n
Treue bis zum Grabe!

16. Letzte Hoffnung

Hie und da ist an den Bäumen
Manches bunte Blatt zu seh'n,
Und ich bleibe vor den Bäumen
Oftmals in Gedanken steh'n.

Schaue nach dem einen Blatte,
Hänge meine Hoffnung dran;
Spielt der Wind mit meinem Blatte,
zitt'r' ich, was ich zittern kann.

Ach, und fällt das Blatt zu Boden,
Fällt mit ihm die Hoffnung ab;
Fall' ich selber mit zu Boden,
Wein' auf meiner Hoffnung Grab.

15. A gralha

*Junto comigo, uma gralha
Deixou a cidade,
Ela continua até hoje
Voando em volta de minha cabeça.*

*Gralha, estranho animal,
Não queres me deixar?
Pensas que logo, como presa,
Terás o meu corpo?*

*É certo que não irei muito mais longe
Apoiado no meu bastão.
Gralha, deixa que eu, enfim, possa ver
Fidelidade até a tumba!*

16. Última esperança

*Aqui e ali, nas árvores
Umás folhas coloridas se vêem,
E eu fico em frente às árvores
Parado, com os meus pensamentos.*

*Olho para uma folha,
Nela penduro minha esperança;
Brincando o vento com minha folha,
Tremo até não agüentar.*

*Ah, se a folha cai ao chão,
Cai, com ela, a esperança;
Caio junto eu, ao chão, também,
Choro sobre a tumba da minha esperança.*

17. Im Dorfe

Es bellen die Hunde, es rasseln die Ketten;
 es schlafen die Menschen in ihren Betten,
 Träumen sich manches, was sie nicht haben,
 Tun sich im Guten und Argen erlaben;

Und morgen früh ist alles zerflossen.
 Je nun, sie haben ihr Teil genossen.
 Und hoffen, was sie noch übrig ließen,
 Doch wieder zu finden auf ihren Kissen.

Bellt mich nur fort, ihr wachen Hunde,
 Lasst mich nicht ruh'n in der Schlummerstunde!
 Ich bin zu Ende mit allen Träumen.
 Was will ich unter den Schläfern säumen?

18. Der stürmische Morgen

Wie hat der Sturm zerrissen
 Des Himmels graues Kleid!
 Die Wolkenfetzen flattern
 Umher im matten Streit.

Und rote Feuerflammen
 Zieh'n zwischen ihnen hin;
 Das nenn' ich einen Morgen
 so recht nach meinem Sinn!

Mein Herz sieht an dem Himmel
 Gemalt sein eig'nes Bild –
 es ist nicht als der Winter,
 Der Winter, kalt und wild!

17. Na aldeia

*Os cachorros latem, as correntes metralham,
 As pessoas dormem em seus leitos,
 Sonham com coisas que não têm,
 Satisfazendo-se com coisas boas e más;*

*E, de manhã cedo, tudo se dissipou.
 Mas, eles tiraram seu proveito.
 E esperam que aquilo que deixaram sobrar,
 Acabarão por encontrar em seus travesseiros.*

*Late para que eu vá, cão de guarda,
 Não me deixes descansar na hora de dormir!
 Cheguei ao fim de todos os sonhos.
 Que tenbo a perder junto aos que dormem?*

18. Manhã tempestuosa

*Como rasgou a tempestade
 O vestido cinzento do céu!
 Pedacos de nuvens voam
 Como em dura disputa.*

*Chamas de fogo vermelhas
 Disparam entre elas;
 Chamo isto uma manhã
 Perfeita para o meu sentir!*

*Meu coração vê no céu
 A própria imagem desenhada:
 Não é como o inverno,
 O inverno, frio e selvagem!*

19. Täuschung

Ein Licht tanzt freundlich vor mir her;
ich folg' ihm nach die Kreuz und Quer;
ich folg' ihm gern und seh's ihm an,
dass es verlockt den Wandersmann.

Ach! wer wie ich so elend ist,
gibt gern sich hin der bunten List,
die hinter Eis und Nacht und Graus
ihm weist ein helles, warmes Haus.

Und eine liebe Seele dring.
Nur Täuschung ist für mich Gewinn!

20. Der Wegweiser

Was vermeid' ich denn die Wege
wo die ander'n Wand' rer gehen,
suche mir versteckte Stege
durch verschneite Felsenhö'h'n?

Habe ja doch nichts begangen,
dass ich Menschen sollte scheu'n, –
welch ein törichtes Verlangen
treibt mich in die Wüstenei'n?

Weiser stehen auf den Straßen,
weisen auf die Städte zu,
und ich wand're sonder Maßen
ohne Ruh' und suche Ruh'.

Einen Weiser seh' ich stehen
Unverrückt vor meinem Blick;
Eine Straße muss ich gehen,
Die noch keiner ging zurück.

19. Ilusão

*Uma luz dança alegre à minha frente,
Eu a sigo de um lado para outro;
Eu a sigo feliz, e nela vejo
Que atraí o caminhante.*

*Ab, quem é tão infeliz como eu,
Entrega-se feliz a esta farsa colorida,
Que, atrás de gelo, noite e terror,
Sinaliza uma casa clara e aquecida.*

*Lá dentro, uma querida alma.
Para mim, qualquer ganho é só ilusão!*

20. O sinaleiro

*Por que evito os caminhos,
Dos outros caminhantes,
E procuro trilhas escondidas
Por penhascos nevados?*

*Mas eu não fiz nada,
Para ter que temer as pessoas:
Que impulso tolo é esse
Que me leva para a solidão?*

*Sinaleiros estão nas estradas,
Para indicar as cidades,
E eu caminho sem limites
E sem parar, em busca da tranquilidade.*

*Um sinaleiro consigo ver
Fixo ante o meu olhar;
Uma estrada tenho que percorrer,
Da qual ninguém retornou.*

21. Das Wirthaus

Auf einen Totenacker hat mich mein Weg gebracht;
 Allhier will ich einkehren, hab' ich bei mir gedacht.
 Ihr grünen Totenkränze könnt wohl die
 [Zeichen sein,
 Die müde Wand' rer laden ins kühle
 [Wirthshaus ein.

Sind denn in diesem Hause die Kammern
 [all' besetzt?
 Bin matt zum Niedersinken,
 [bin tödlich schwer verletzt.
 O unbarmherz'ge Schenke, doch weisest du mich ab?
 Nun weiter denn, nur weiter,
 [mein treuer Wanderstab!

22. Mut

Fliegt der Schnee mir ins Gesicht,
 Schüttl' ich ihn herunter.
 Wenn mein Herz im Busen spricht,
 Sing' ich hell und munter.

Höre nicht, was es mir sagt,
 Habe keine Ohren;
 Fühle nicht, was es mir klagt,
 Klagen ist für Toren.

Lustig in die Welt vóshinein
 Gegen Wind und Wetter!
 Will kein Gott auf Erden sein,
 sind wir selber Götter!

21. A taberna

*A um cemitério o meu caminho me levou;
 Lá vou entrar, pensei comigo.
 Verdes coroas fúnebres,
 [devereis ser o sinal
 Que convida o caminhante cansado a adentrar
 [a fresca taberna.*

*Estão ocupados todos os quartos
 [desta casa?
 Estou exausto a ponto de cair,
 [estou ferido de morte.
 Oh, taberna impiedosa, estás me rejeitando?
 Vamos em frente, sempre em frente,
 [meu fiel bastão!*

22. Coragem

*A neve batendo em meu rosto,
 Sacudo-a fora.
 Quando meu coração fala dentro do peito,
 Eu canto alto e vivaz.*

*Não ouço o que ele me diz,
 Não tenbo ouvidos;
 Não sinto do que ele se queixa,
 Pois queixar-se é para os tolos.*

*Alegre pelo mundo afora,
 Enfrentando vento e tempestade!
 Se não houver Deus aqui na terra,
 Seremos deuses nós mesmos!*

23. Die Nebensonnen

Drei Sonnen sah ich am Himmel steh'n,
Hab' lang und fest sie angesehen'n;
Und sie auch standen da so stier,
Als wollten sie nicht weg von mir.

Ach, meine Sonnen seid ihr nicht!
Schaut ander'n doch ins Angesicht!
Ja, neulich hatt' ich auch wohl drei;
Nun sind hinab die besten zwei.

Ging nur die dritt' erst hinterdrein!
Im Dunkel wird mir wohler sein.

24. Der Leiermann

Drüben hinterm Dorfe steht ein
[Leiermann
und mit starren Fingern dreht er, was er kann.
Barfuß auf dem Eise wankt
[er hin und her
und sein kleiner Teller bleibt ihm immer leer.

Keiner mag in hören, keiner sieht ihn an,
und die Hunde knurren um den alten Mann.
Und er lässt es gehen alles, wie es will,
dreht und seine Leier steht ihm nimmer still.

Wunderlicher Alter, soll ich mit dir geh'n?
Willst zu meinen Lieder deine
[Leier dreh'n?

23. Sóis ilusórios

*Três sóis eu via no céu,
Firme e longamente olhava para eles;
E lá estavam fixos,
Como se não quisessem se afastar de mim.*

*Ab, vós não sereis meus sóis!
Ide iluminar outras faces!
Pois há pouco eu bem que tinha três;
Mas os dois melhores já se foram.*

*Que bom se o terceiro também se fosse!
Na escuridão me sentirei melhor.*

24. O tocador de realejo

*Logo ali, depois da aldeia, há um tocador
[de realejo,
Com seus dedos tesos, ele gira o quanto pode.
Descalço sobre o gelo, ele balança para lá
[e para cá,
E seu pequeno prato continua sempre vazio.*

*Ninguém quer ouvi-lo, ninguém o olha,
E os cães rosnam à volta do velho homem.
Ele deixa passar tudo, tudo como é,
Vai girando e o realejo nunca pára de tocar.*

*Velho estranho, devo ir contigo?
Não queres para minhas canções
[teu realejo girar?*